

Maria Inês Gandolfo Conceição

Psicóloga (CEUB), mestre em Psicologia (UnB), doutora em Psicologia (UnB), psicodramatista (ABP), psicodramatista didata (ABP), psicodramatista didata supervisora (ABP)

Juliana Cal Auad

Psicóloga (UnB), mestre em Psicologia Clínica e Cultura (UnB), psicodramatista (Focus)

COMPREENDENDO AS RELAÇÕES DE GÊNERO POR MEIO DA VIVÊNCIA SOCIODRAMÁTICA

RESUMO

A questão de gênero tem produzido interessantes reflexões acerca da complementaridade dos papéis de mulher e de homem na pós-modernidade, principalmente com a inserção da mulher no mercado de trabalho e no cenário social. Este estudo apresenta o relato de uma experiência desenvolvida no curso de graduação em Psicologia na Universidade de Brasília. O objetivo da atividade foi trazer à tona, por meio da ação, a afetividade que envolve a complexa interação entre papéis femininos e masculinos, e observar a manifestação dos aspectos culturais e conservados nesses papéis. Utilizou-se o sociodrama, método de pesquisa interventiva que busca compreender os processos grupais e intervir em situações-problema, por meio da ação/comunicação das pessoas. Participaram 27 alunos do curso de Psicologia, sendo 19 mulheres e oito homens. Foram produzidas reflexões acerca de como está se dando a complementaridade dos papéis de gênero no contexto sócio-histórico-político-cultural, destacando-se: o desconforto causado pelo espelho psicológico fornecido pelas cenas dramáticas, o incômodo do confronto racional, quando se passa do discurso para a ação concreta, a frustração por não vencer as amarras das conservas culturais, a agressividade como única reação que aflora, quando se trata de conquistar um lugar no cenário social, e a perplexidade ao experimentar viver sob a pele do outro.

ABSTRACT

Gender issues have produced interesting debates regarding the complementarity of the roles of post-modern woman and man, especially

with regards to women entering the job-market and the social realm. This paper presents a study carried out at the graduate psychology course of Brasilia University. Through the use of action methods, the objective was to bring to the surface the feelings involved in the complex interaction between feminine and masculine roles, and to observe how cultural aspects and conserves manifest themselves in these roles. Sociodrama was used as a research method of intervention that aims to understand group processes and to offer mediation in problem situations, through the use of action and communication. Twenty-seven psychology students participated in this study, nineteen women and eight men. We looked at how gender roles complement each other in the socio-historical-political-cultural context. The following were highlighted: discomfort caused by the psychological mirror that the dramatic scenes offered; discomfort of rational confrontation when discourse moved to concrete action; frustration for not being able to break the shackles of cultural conserves; aggression as the only reaction emerging when trying to conquer space within the social scene; and perplexity caused by the experience of being in the other's skin.

PALAVRAS-CHAVE

Gênero, papéis de gênero, sociodrama, psicodrama.

KEYWORDS

Gender, gender roles, sociodrama, psychodrama.

INTRODUÇÃO

O presente estudo apresenta o relato de uma experiência que vem sendo desenvolvida sistematicamente no contexto da disciplina Psicodrama do curso de graduação em Psicologia na Universidade de Brasília. A disciplina prevê aulas práticas nas quais são realizados sociodramas que encerram diversas temáticas polêmicas da atualidade. Dentre elas, a questão de gênero tem produzido interessantes reflexões acerca da complementaridade dos papéis de mulher e de homem na pós-modernidade. Essa experiência tem sido possível graças à expressiva participação numérica de alunos do sexo masculino nessa disciplina, o que é raro em cursos de psicologia. Neste estudo apresentamos uma breve contextualização teórica acerca do tema, o relato de um dos sociodramas de gênero e as reflexões produzidas pelos alunos em seus processamentos da vivência.

Os estudos sobre gênero vêm assumindo um espaço cada vez maior nas discussões científicas, movimentos educacionais, sociais, políticos e religiosos. As discussões se ampliaram nas últimas décadas, principalmente com a inserção da mulher no mercado de trabalho e no cenário social devida ao desenvolvimento industrial, que proporcionou ainda a evolução dos meios de comunicação. Com o advento da modernidade, houve a necessidade de repensar as definições dos papéis femininos e masculinos e do significado do ser homem e do ser mulher. O patriarcado passou a perder suas bases e a mulher, hoje, divide o poder econômico com o homem.

Estamos vivendo um processo de mutação, após milênios de ideologia patriarcal, e, talvez, tenhamos que aguardar algumas gerações para vê-lo concluído, mas os sinais já começam a se evidenciar.

Tem-se observado uma gradativa modificação de valores estabelecidos como inquestionáveis, entre eles o amor, o relacionamento, o casamento, a família, e, conseqüentemente, a sexualidade. Os modelos do passado, conservas culturais, perdem sua utilidade como referência, abrindo-se espaço para novas formas de pensar e viver em todas as áreas da experimentação humana. O amor romântico, com a exaltação do indivíduo, sofre mudanças. Primeiramente, era o homem quem detinha as regras da conquista, em seguida as mulheres passam a submeter seus pretendentes a árduas tarefas. Com o surgimento do iluminismo, surge a busca da afirmação da individualidade, da singularidade e da subjetividade. O fim trágico àqueles que contrariassem interesses sociais e econômicos cede espaço à relação dual do amor para o sexo. Perante este novo mundo, as mulheres começaram a repetir comportamentos tidos como tipicamente masculinos, com ênfase no individualismo e na realização pessoal, e vivendo sua liberdade sexual graças ao surgimento de técnicas contraceptivas eficientes (Fassa: 2004).

As primeiras teorias de gênero trabalhavam dentro de uma lógica funcionalista, com base nas categorias de "papéis" e "diferenças" sexuais, analisando sociologicamente a instituição familiar. Suas grandes contribuições foram a crítica às visões essencialistas da biologia e da psicologia e a produção da concepção de identidade de gênero, a partir da noção de que os indivíduos se produzem e são produzidos por meio da vida social. A noção de gênero tem migrado de uma perspectiva que considera o gênero como um atributo inerente ao sujeito, uma propriedade estável da personalidade para o pressuposto da socialização, na qual o foco foi deslocado da biologia para o contexto, sendo gênero o resultado de processos sociais e culturais. Daí depreende-se que as diferenças sexuais resultam dos papéis sociais que atuam sobre o comportamento das pessoas e que são apropriados pelas crianças no curso de seu desenvolvimento (Neuerberg: 2005). A sociedade estabelece o desempenho dos papéis de gênero segundo uma linha comum de comportamento na maioria dos homens e mulheres. As diferenças surgem quando observamos culturas ou épocas diferentes (Costa: 1994).

Aqui, gênero é definido como *"um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos (...) uma forma primária de dar significação às relações de poder"* (Scott: 1990, p. 6). Compreende-se a questão de gênero como uma construção social pautada nos discursos e práticas dos indivíduos masculinos e/ou femininos presentes em uma determinada sociedade. Por sua vez, o termo construção significa a capacidade que o indivíduo e a coletividade de uma dada sociedade têm de criar os mecanismos de coesão e de agregamento dos grupos sociais, baseando-se muitas vezes em clivagens de comportamentos de constituir o "eu" e os "outros" (Guattari e Rolnik: 1999). Dessa forma, gênero e sexualidade são dimensões diferentes que integram a identidade

peçoal de cada indivíduo. Elas surgem, são afetadas e se transformam conforme os valores sociais vigentes em uma dada época. São partes, assim, da cultura, construídas em determinado período histórico, e ajudam a organizar a vida individual e coletiva das pessoas.

Aidar (2007) destaca que o termo gênero classifica as pessoas, ou em machos ou em fêmeas. Não há uma pessoa que seja neutra, independentemente de sua orientação afetiva. Todos são, ou aparentam ser, homem ou mulher. Uma classificação que tem raízes culturais e históricas e que permanece até os dias atuais, apesar de as diferenças entre masculino e feminino estarem sendo atenuadas e da tendência à androgenia e ao unissex.

Em termos históricos, Moreno esteve à frente de seu tempo, por sua contribuição na criação de uma epistemologia que coloca o homem em interação com todas as dimensões físicas e metafísicas do universo, e assim o vê unicamente em termos intersubjetivos (Costa e Conceição: 2008). Para o criador do psicodrama, não há possibilidade do homem sozinho, sempre há o homem e o outro, ou seja, para cada papel existe o contrapapel. A afetividade é um dos núcleos geradores dos vínculos e do desenvolvimento dos grupos (Moreno: 1972). A maior expressão da afetividade é a liberação da espontaneidade-criatividade, com a qual se atinge a homeostase biopsíquicosocial.

A proximidade e a intensidade das relações sociais geram laços entre os indivíduos e configuram uma dinâmica relacional e grupal única e específica, resultante da troca de conteúdos conscientes e inconscientes. Os papéis são formas reais ou tangíveis que o eu adota e contém elementos coletivos (socioculturais) e privados (Moreno: 1975). São condutas e maneiras de agir que surgem da convivência com os demais e de fundamental importância para a comunicação entre as pessoas. É a forma de funcionamento de uma pessoa em uma situação *“resultante de elementos constitutivos da singularidade do agente e de sua inserção na vida social”* (Costa: 1994, p. 24).

O papel de gênero é, então, o comportamento de uma pessoa diante dos demais e da sociedade como um todo. É uma maneira de ser, feminina ou masculina, que evidencia a sintonia entre as maneiras de sentir e agir. Caso essa sintonia não ocorra, há um conflito na identidade de gênero e papel desempenhados (Costa, 1994). Os papéis sociais de gênero são, portanto, ditados e aprendidos pela e na sociedade e desempenhados por cada indivíduo, de acordo com sua história de vida e com o contexto em que vive.

A questão de gênero abrange processos vinculares, de identidade, de poder, pessoais e socioculturais que produzem complexidade às interações humanas. Nestas interações, diversas funções de papéis, cargas afetivas e condutas se conservam perturbando a cocriação nas relações entre homem e mulher. Nestes momentos, ocorrem os sofrimentos nos vínculos (Nery: 2003) que, muitas vezes, necessitam de intervenções sociátricas que favoreçam a liberação da espontaneidade-criatividade das pessoas e a continuação da aprendizagem socioemocional a partir das diferenças.

A pós-modernidade tem demandado a modificação de papéis tradicionalmente atribuídos a homens e mulheres. Surge uma “nova mulher”,

amparada pelas conquistas do movimento feminista, e um “novo homem”, que tenta se adequar às intensas modificações na caracterização da identidade masculina. Cria-se uma nova ética relacional, pautada na permissividade e descartabilidade, em que as mulheres parecem mais organizadas, enquanto os homens vivem a “crise masculina” – quebra da figura de homem em que o menino é socializado e o que lhe é exigido na idade adulta. A sociedade atual vive o desafio de construir uma nova maneira de ser e de se relacionar (Aidar: 2007). As pesquisas de gênero começam a investigar contradições na identidade masculina e suas reais condições de vida a partir de 1970, trazendo à tona suas desvantagens e restrições. A crise da masculinidade foi gerada pela desqualificação do trabalho e mudanças geradas pelo capitalismo, como a racionalização, especialização e fragmentação do processo de trabalho. A partir dos estudos de gênero sobre homens, foi possível tirar o foco das diferenças entre homens e mulheres, e investigar essas relações (Giffin: 2005).

Para compreender o processo dinâmico do desempenho de papéis e de contrapapéis, ou seja, das relações interpapéis, a sociodrama dispõe de uma poderosa ferramenta clínica: o sociodrama. Criado por Moreno no início do século XX, o sociodrama é um dos métodos sociométricos utilizados na pesquisa e no tratamento de grupos e nas relações intergrupais. Fundamenta-se na epistemologia sacionômica e tem o objetivo de superar a dicotomia da pesquisa quantitativa/qualitativa, ao privilegiar a participação dos sujeitos na situação. É um método de pesquisa interventiva, que busca compreender os processos grupais e intervir em uma de suas situações-problema, por meio da ação/comunicação das pessoas (Nery, Costa, Conceição: 2006). O método do sociodrama proporciona uma pesquisa terapêutica do grupo, ou seja, a tentativa de compreensões e de resoluções de temas, de conflitos, de situações-problema protagonizadas por todos, num arco-íris de vozes, dependendo dos papéis que cada um exerce na comunidade (Moreno: 1975; Nery *et al.*: 2006).

O sociodrama permite uma aproximação à dinâmica afetiva relacional dos grupos, propiciando que a interação grupal seja o foco de investigação, e só existe devido à compreensão interindividual e intercultural, que permitem esses entendimentos comuns – papéis de pai, mãe; patrão, empregado; entre outros.

Para melhor compreender como ocorrem as relações de gênero em um grupo de ambos os sexos, propôs-se a um grupo de estudantes de psicologia, a realização de um sociodrama. O objetivo da atividade foi o de trazer à tona, por meio da ação, a afetividade que envolve a complexa interação entre papéis femininos e masculinos e observar a manifestação dos aspectos culturais e conservados destes papéis.

MÉTODO

O estudo assenta suas bases sobre a metodologia de investigação qualitativa que, segundo Demo (2001), busca a essência do fenômeno estudado. González-Rey (2002) corrobora essa ideia ao afirmar que o termo qualitativo se define pelos processos implicados na produção do conheci-

mento, e não por seus instrumentos ou dados. Para este autor, a interação pesquisador-pesquisado é o alicerce da pesquisa qualitativa. A análise dos resultados foi fundamentada no método construtivo-interpretativo proposto por González Rey (2002, 2005), contemplando também os principais conceitos do sociátrico, em especial, o método sociodramático.

González Rey (2005) destaca que o conhecimento é fruto da construção *“que encontra sua legitimidade na capacidade de produzir, permanentemente, novas construções no curso da confrontação do pensamento do pesquisador com a multiplicidade de eventos empíricos coexistentes no processo investigativo”* (p. 7). A construção do conhecimento ocorreu, na presente pesquisa, a partir da interação com o participante na entrevista; e a subjetividade se fez presente à medida que o participante se implicou na sua expressão e a pesquisa adquiriu sentido para ele (González Rey: 2005). A partir dos dados e de seu contexto, foi possível pensar em *indicadores*, que é *“o conjunto de expressões que relacionamos com o mesmo sentido interpretativo (...) e que pode se definir por um elemento ou por um conjunto de elementos”* (González Rey, 2002, p. 112). O indicador permite ao pesquisador formular uma hipótese associada a um momento interpretativo que não se reduz ao dado (González Rey, 2002). A partir dessa interação foram pensadas *zonas de sentido*, que são *“espaços de inteligibilidade que se produzem na pesquisa científica e não esgotam a questão que significam, senão pelo contrário, abrem a possibilidade de seguir aprofundando um campo de construção teórica”*. (González Rey, 2005, p. 8). A análise dos dados coletados foi, portanto, um processo de operações interpretativas que permite a legitimação do conhecimento.

Na presente pesquisa foi realizado um sociodrama sobre questões de gênero em uma turma de psicodrama do curso de psicologia da Universidade de Brasília. O uso de técnicas psicodramáticas no contexto da universidade justifica-se por criar um campo relaxado em que a liberdade permite desenvolver a ação e atuação de indivíduos, além de permitir a avaliação dos conhecimentos aprendidos sem as preocupações provocadas pelas avaliações formais. Nesse espaço de coconstrução criado pela *“lente”* psicodramática, professores e alunos tornam-se companheiros na construção do conhecimento, que acontece no momento (Rosinha: 1999).

PROCEDIMENTO

No dia 16 de abril de 2007 participaram de uma aula prática da disciplina de psicodrama do 1º semestre de 2007 da Universidade de Brasília – UnB, 27 alunos do curso de psicologia, sendo 19 mulheres e oito homens. O sociodrama foi dirigido por uma unidade funcional, ou equipe de condução do trabalho, composta de uma diretora e dois egos-auxiliares treinados, e teve duração aproximada de duas horas. A atividade foi registrada por um observador que participava das aulas práticas da disciplina e foram utilizados os dados produzidos pelos participantes sobre o processamento da atividade. Os alunos foram consultados quanto ao caráter investigativo e voluntário da experiência e consentiram em ser participantes da pesquisa, dando sua aquiescência.

AQUECIMENTO INESPECÍFICO

Para o aquecimento inespecífico usaram-se jogos dramáticos com iniciadores físicos. Foram dadas as seguintes instruções:

- Levantar e espreguiçar

- Escolher um par e descrever como essa pessoa está hoje: que roupa está vestindo, se está mais ou menos arrumada do que o usual, como o cabelo está, entre outros. Em seguida, fechar os olhos e descrever como você percebe a pessoa hoje.

- Trocar de pares. Trabalhar o movimento: uma pessoa faz um movimento e o outro deve acompanhar.

- Trocar novamente de pares. Um vai se deixar modelar pelo outro, como se fosse um boneco.

A diretora pediu que os homens se colocassem no centro, formando um círculo. Explicou que iria pedir para que duas mulheres tentassem entrar e que não era para eles permitirem. Duas alunas se aproximaram e tentaram entrar por baixo, no espaço entre as pernas. Uma aluna, que era baixa e magra, conseguiu. A diretora disse que apenas uma mulher entrou, e que deveriam tentar novamente. Três alunas se aproximaram. Enquanto duas afastavam as pernas dos alunos, a terceira aluna entrou. A primeira aluna que tinha conseguido entrar na primeira tentativa aproveitou a confusão e entrou novamente.

Em seguida, a diretora pediu que algumas mulheres formassem um círculo no centro da sala e que impedissem os homens de entrar. Um homem se aproximou e conseguiu entrar, logo a roda se desfez. Outro aluno se aproximou e destruiu a roda para conseguir entrar, e as alunas caíram no chão. A diretora então pede para que um homem, de dentro, tentasse sair. O terceiro aluno não chegou nem a tentar, dizendo que estava bom ficar no meio. Um quarto aluno tentou sair conversando, se abaixando para passar entre as pernas, mas disse que não dava.

A diretora pediu que os alunos se dividissem entre homens e mulheres, e subdividiu o grupo das mulheres em dois. Ficaram, então, três grupos: um de homens, com oito alunos; e dois de mulheres, um com nove e outro com 10 alunas. Dentro dos subgrupos, fez-se um breve compartilhar sobre como foi estar nos exercícios de aquecimento.

AQUECIMENTO ESPECÍFICO

A diretora solicitou aos grupos de mulheres que discutissem um pouco sobre o que é ser mulher, e ao grupo de homens, sobre o que é ser homem. Após alguns minutos, pediu-se que pensassem em uma maneira de apresentar para os outros grupos o que foi discutido.

DRAMATIZAÇÃO

O primeiro grupo, composto por mulheres, fez uma imagem em que as nove alunas apresentavam-se enfileiradas e havia uma narradora. A narradora assumiu um papel por meio de posturas e gestos e com fala, e foi imitada por toda a fila por alguns instantes. Em seguida, uma das alunas saiu e permaneceu desempenhando esse papel. A narradora assumiu

um outro papel e o processo se repetiu. Assim, foram desempenhados diferentes papéis que faziam parte da vida das mulheres: trabalhadora, mãe, malhadora, motorista, aquela que cuida de sua beleza, cozinheira, a que cuida da casa e a que é livre.

O segundo grupo a se apresentar foi o de homens, que mostrou dois cadernos: um todo organizado, de fácil visualização de seus conteúdos, grafado com canetas coloridas e letra legível, como representante dos cadernos femininos; e outro escrito a lápis, com garranchos, aspecto de sujo e desorganizado, como representante dos cadernos masculinos. Em seguida, leram o *brainstorming* que fizeram sobre o que é ser homem.

O último grupo a se apresentar foi de mulheres. Elas se posicionaram na sala em semicírculo e falaram, uma de cada vez, sobre “ser mulher é (e completavam com o nome da mulher ao lado)”. Disseram que ser mulher é ser cada uma delas, com suas semelhanças e diferenças.

A diretora então pede que o primeiro grupo pegue a “poesia”/*brainstorming* dos homens e lhe dê forma, criativamente. Cada mulher vai fazendo uma das características listadas usando a mímica como recurso. Ao segundo grupo foi solicitado que representasse todos os papéis da mulher. O primeiro grupo dá batidinhas nas costas, se abraça, fala grosso e diz palavras representando o papel de homem. O segundo grupo ri muito ao representar os diferentes papéis assumidos pelas mulheres.

A diretora solicita que as mulheres, no papel de homens, interajam com os homens no papel de mulher. As mulheres assumem falas de cobrança como “anda logo” e, em resposta, ouvem falas como “você é grosso”, além de choros. A diretora pede que os alunos ultrapassem os papéis sociais e entrem na intimidade. O ego treinado entra como ego dos homens no papel de mulher e diz “To cansada. Você podia me ajudar”. Em resposta, as mulheres no papel de homens falam “quando eu me casei pensei que você fosse dar conta, que o nosso casamento ia ser como o do meu pai e da minha mãe”, “Você sabe que eu tenho muito coisa, que trabalho muito.”. A diretora entrega os cadernos para cada um dos grupos e diz: “Olha, nós somos assim”. No papel de homem uma aluna reage, dizendo: “Somos práticos, só isso”, e ouve como resposta: “Nós temos autocrítica”.

Os homens no papel de mulheres assumem falas como “O que eu posso fazer?”, e fica o silêncio, seguido de falas conflituosas como “Vocês são muito complicadas”, “Elas têm muita frescura, têm medo de tudo”. Em resposta, os homens no papel de mulher falam “À noite não vai ter. Se resolvam com seus amigos”, “Vocês não são práticos? Põe na agenda!”.

Em círculo, surgiram falas apaziguadoras, como “No fundo, no fundo, nós gostamos de ficar juntos”, “Eu acho que o legal é encontrar alguém que combina com você” e de tentativa de conciliação, como “Oi, meninos. Viemos jogar futebol com você e beber cerveja” e “Chega de clube do Bolinha e da Luluzinha”.

A diretora solicita que os alunos fechem os olhos e entrem em contato com o sentimento que surge dos conflitos do dia a dia. Solicita que expressem esse sentimento em uma fala, dentro de seus devidos papéis.

Surgem falas como: “É um complemento”, “Um exercício de convivência”, “Falta um pouco de compreensão”, “Se colocar no lugar do outro”, “Aceitar as diferenças”, “Se despojar dos estereótipos”. A diretora solicita que os alunos abram os olhos, olhem os homens e mulheres que estão no círculo e decidam como querem encerrar a cena. Uma aluna sugere que se brinde às diferenças. Todos os alunos erguem as mãos e brindam.

COMPARTILHAR

No compartilhar, emergiram os seguintes tópicos:

- “Os estereótipos são comuns no cotidiano, apesar de não serem muito comuns no grupo de estudantes de psicologia”;
- “No momento da discussão, as pessoas ficam só na crítica ao outro, em um eterno ‘bate e volta’”;
- “É preciso ultrapassar o estereótipo de mulher como frágil, pois há fraquezas e fortalezas em todas as pessoas”;
- “Todos nós somos diferentes”;
- “A dramatização pareceu um ringue, um de frente para o outro. Começou a disputa pela fala das mulheres no papel dos homens, que assumiram uma posição agressiva”. (Uma aluna diz “Será que a gente se desdobra em busca de uma perfeição impossível?”);
- “Quem estava de fora, na plateia, estava no racional. Quem estava dentro entrou na emoção e falou coisas que não diria se pensasse antes”;

Uma aluna destacou que a direção da cena foi no sentido de acirrar as diferenças, em busca da disputa, e que é preciso sair disso, ultrapassar. A diretora esclareceu: “Como sair disso, se não enfrentando?”, no sentido de que é preciso mexer, mobilizar para que então uma solução seja encontrada. Outra aluna complementa essa fala, ao dizer “No dia a dia a gente engole muita coisa. Muito fácil falar em conciliação, mas aqui é um espaço para soltar os sapos. O conflito tem que se mostrar para se pensar em uma solução”. E, ainda, outra aluna diz “Incomoda, muito. Mas é importante se colocar nesses papéis”.

- “Na classe média, a divisão de tarefas é mais igual, mas nas classes mais baixas, essas divergências são mais nítidas”.

- “Não existem papéis ideais de gênero. Onde eu me coloco? Qual o meu lugar?”

- “O trabalho nos cuidados da casa é subvalorizado pela cultura. É melhor trabalhar ‘fora’ para ser reconhecida nessa sociedade.”

- “A diversidade é interessante. Não do homem ou da mulher, mas do outro. Carinho e respeito são essenciais para que as relações deem certo e que as pessoas possam crescer – não só nas relações amorosas”.

Para finalizar, a diretora lança as perguntas para reflexão do grupo:

- “Que história é essa que estamos carregando em nosso inconsciente?”

- “A mulher não é treinada para entrar no mundo dos homens. Enquanto eles aprendem desde a infância, a brincadeira de competição, o que é ensinado às mulheres?”

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir de relatos dos processamentos produzidos pelos alunos participantes do sociodrama, foram extraídos os indicadores e foram criadas cinco zonas de sentido representativas da reflexão coletiva:

1) O sociodrama como experiência catártica

A vivência do confronto entre homens e mulheres foi vivido como uma experiência catártica, em que o envolvimento na cena aconteceu naturalmente.

“No compartilhar, o grupo que participou mais ativamente da dramatização apontou o aspecto catártico do momento de conflito entre homens e mulheres com seus papéis invertidos, além de terem sido produzidos vários relatos sobre a dificuldade de não-envolvimento nos conflitos em cena. Surgiram importantes discussões acerca dos aspectos sociais e subjetivos envolvidos nas questões de gênero que são relevantes na constituição do sujeito.” (Participante 1)

A literatura aponta que os sociodramas têm este aspecto de envolvimento emocional, que incita movimentos de mudança real (Nery e Conceição: 2005, 2006a, 2006b, 2007). A catarse de integração vivifica a subjetividade por meio da espontaneidade, ou seja, a capacidade de dar respostas novas a problemas antigos ou adequadas aos problemas novos. *“A catarse de integração, portanto, libera o homem rotulado, robotizado, padronizado, submetido às intempéries dos donos do poder e de seus próprios boicotes inconscientes”* (Nery e Conceição: 2005, p. 137).

2) Mal-estar em constatar como se está

O desconforto gerado pela dramatização dos conflitos é um aspecto relevante nos processamentos dos alunos participantes.

“A situação vivida em sala de aula me trouxe uma série de sentimentos. A maioria deles de insatisfação, incômodo e falta de pertencimento ao grupo.” (Participante 2)

“A atividade prática gerou nos alunos um forte sentimento de desconforto com o conflito gerado entre os sexos. (...) A intensidade que a princípio havia causado desconforto acabou sendo vista como sinal de que o problema não está nos sexos em si, mas na não aceitação.” (Participante 3)

“Particularmente, acredito que a vivência desse sociodrama foi o mais mobilizador desde o início das aulas. Primeiro, pelo fato de tocar em um tema tão permeado por mitos e preconceito, pelo fato de os papéis de gênero necessitarem ser desconstruídos e confrontados no cotidiano de homens e mulheres. Em segundo lugar, ficou muito claro que, racionalmente, estavam todos de acordo em que homens e mulheres devem entrar em acordo pacificamente, mas no momento da cena, tomou-se uma direção totalmente oposta. Isso provocou incômodo

em muitas pessoas, que inclusive não quiseram participar da cena. De fato, para quem esteve de fora, mas para quem esteve encenando, a percepção foi de que o conflito se tornou inevitável.” (Participante 4)

“Na fase de compartilhamento, algumas pessoas revelaram que se incomodaram muito com o conflito e que queriam que fosse mostrada uma relação mais pacífica entre os sexos. Eu gostei muito do conflito, pois a partir dele, brotaram vários incômodos e várias situações que são realidade na nossa sociedade e que fazem um retrato histórico do patriarcalismo que grande parte das pessoas vive.” (Participante 5)

É importante destacar que o aspecto mais relevante do incômodo é o de fomentar a mudança. Neste sentido, o sociodrama alcançou seu objetivo, pois fez com que os alunos-participantes saíssem de seus discursos conservados sobre a igualdade de gênero e mostrassem suas conservas culturais e sociais, ou seja, a real maneira como se comportam na relação com o outro. Ao ver isso de fora, na forma de um espelho psicológico, foi possível perceber as mudanças que se fazem necessárias para que o discurso seja coerente com a prática.

3) Reféns das conservas culturais

A construção social dos papéis foi destacada como uma conserva cultural que precisa ser superada, como se percebe nas falas abaixo:

“Durante a dramatização foram colocados muitos papéis estereotipados da relação homem/mulher e do que é pertencer a cada um desses gêneros. No entanto, ficou claro que esses estereótipos estão presentes em nosso mundo e no nosso cotidiano e, quem sabe, até em algumas de nossas relações, mesmo que não o percebamos.” (Participante 6)

“O jogo dramático mostrou com fidelidade aquilo que acontece no mundo real, mostrando, também, a cisão que às vezes ocorre entre os mundos masculino e feminino, e como as peculiaridades de cada grupo podem impedir que tais grupos consigam conviver harmonicamente entre si. Ainda existe muito estereótipo dentro das nossas noções de gênero atuais, sendo que, há muito tempo, nos vemos em momento de tentativa de desvinculação com esses antigos modelos.” (Participante 7)

“Acredito que a dinâmica revelou dois tipos de demanda: as mulheres que se sentem sobrecarregadas em exercer os vários papéis que lhes são demandados ao longo da vida, e os homens, em suavizar ou eliminar estereótipos que lhes retiram a sensibilidade e colocam toda a “força” da interação social neles. (...) Pensar que esses papéis são construções sociais me faz pensar na dificuldade em mudar as perspectivas estereotipadas de papéis, visto sua impregnação nos vários contextos sociais, principalmente o familiar. Há uma forte perpetuação desses construtos e, acredito, somente de forma combativa de ambos os gru-

pos será possível a mudança dessas visões estanques, que reduzem as possibilidades de ser homem e mulher.” (Participante 8)

A fala dos participantes destaca as diferenças de gênero como padrões conservados de comportamento. A sociedade pós-moderna vive um momento de redefinição dos papéis de homem e de mulher, e assim como as pesquisas de gênero evoluíram da distinção entre eles, voltando-se para sua relação, é preciso olhar para essas pessoas que estão sobrecarregadas pelas exigências sociais e deixam de se perceber.

4) Liga de super-heróis: “Super-mulher” e “super-homem”

A fala dos participantes destaca que ser mulher, ou homem, na pós-modernidade, é ser “Super”:

“...os vários papéis colocados para o atual construto de mulher e como se difunde a mensagem de que esses papéis devem ser executados com perfeição. A mulher deve ser bela-arrumada-inteligente-informada-trabalhar-estudar-cuidar dos filhos- ser sensível-ser forte-cuidar da casa-cuidar do marido e tudo isso em um único pacote, sob pena de ser condenada a ouvir o discurso de fracasso no ser mulher. Creio que o pensamento inverso também seja válido para os homens. Ser mulher, hoje em dia, é incorporar o papel de “Mulher Maravilha” e lidar com diferentes demandas externas que não necessariamente correspondem aos seus anseios e desejos.” (Participante 9)

Na fala da participante depreende-se que, apesar de dar um destaque maior às exigências que recaem sobre as mulheres, reconhece que os homens também têm que se desdobrar para alcançar as expectativas lançadas pela sociedade. As pesquisas sobre gênero que contemplam os homens começam timidamente a dar-lhes destaque somente a partir da década de 1970, pois, até então, não se reconhecia que eles também estavam revendo seu papel com a entrada da mulher no mercado de trabalho.

5) A difícil armadilha de sair do discurso e entrar na ação

Sair do discurso e ter uma prática não conservada foi percebido como um difícil obstáculo a ser vencido, segundo a fala dos participantes:

“Já durante a dramatização, quando houve a inversão de papéis e as mulheres se colocaram nos papéis masculinos, a forma com que se comportaram pareceu muito hostil, sempre criticando as atividades desempenhadas nos papéis femininos. Foi então que resolvi sair da plateia e ir para o lado masculino, elogiando algo nos papéis desempenhados pelos homens. No entanto, o comportamento crítico e o calor da discussão estavam tão fortes que eu terminei por sucumbir ao modo de interagir da maioria. Isso me trouxe certa angústia quando terminou a dramatização, ao mesmo tempo em que pude refletir sobre as influências que sofremos nos exercícios de cada papel, mostrando que não é suficiente querer inovar, é preciso principalmente

transpor as barreiras em relação ao que é defendido por uma maioria. Achei que o sociodrama foi produtivo pela inquietação que causou em todos os participantes, pois normalmente, ao se discutirem as questões de gênero, todos falam sobre o politicamente correto e nada é mudado efetivamente, como se as mudanças se resumissem àquilo que é falado. Penso que a importância do sociodrama foi o peso que teve para cada um quanto à inversão de papéis, porque partimos do socialmente aceitável para o que realmente faríamos naquela posição, possibilitando o desenvolvimento de uma nova percepção sobre nós mesmos na relação com o outro.” (Participante 10)

“Quando foi lançada a pergunta: ‘o que devo fazer para melhorar?’, houve um silenciamento, mostrando que ninguém sabe de fato a solução para o conflito entre homens e mulheres. Contudo, o grupo entrou em acordo no compartilhamento no sentido de que todos aderiram à ideia de que, para haver mudanças, devem-se respeitar as diferenças.” (Participante 11)

A fala dos participantes traz à tona a dificuldade de sair do discurso e atuar como agentes de mudança. Apesar da barreira na transposição dessas conservas, Fassa (2004) destaca que

“Talvez estejamos inaugurando a possibilidade de viver em comunhão, pois a hipervalorização da sexualidade era incompatível com a ideia de amor romântico, com alto investimento em cativar o amado, o que, no entanto, é tão instintivo e essencial à sobrevivência da espécie quanto o instinto sexual” (p. 29).

CONCLUSÃO

A atividade do sociodrama de gênero descrita suscita inúmeras reflexões acerca de como está se dando a complementaridade dos papéis de homem e de mulher no contexto sócio-histórico-político-cultural no qual os seus personagens estão inseridos. Chamam a atenção o desconforto causado pelo espelho psicológico, fornecido pelas cenas dramáticas, e o incômodo sentido quando se cai na velha armadilha de ver ruir o império da razão, ao se passar do discurso para a ação concreta. A frustração por não vencer as amarras das conservas culturais, a agressividade como única reação que ainda aflora, quando se trata de conquistar um lugar no cenário social, e a perplexidade ao experimentar viver sob a pele do outro foram os aspectos mais críticos e que ensejam maiores reflexões a partir da experiência do sociodrama de gênero.

O nível das produções dos participantes foi obviamente diferenciado, por se tratar de alunos dos últimos semestres do curso de psicologia, certamente treinados em seus lugares de “não-preconceito” e no exercício da redução fenomenológica. Ainda assim, quando se passa da razão para a emoção, verificou-se a perplexidade de alguns participantes diante da experiência de confrontar suas cognições com suas ações. Isso se deve

ao fato de que o jogo dramático permite “*um mostrar-se-escondendo*”, ou “*falar-sem-dizer*”, revelando aquilo que é difícil de ser exteriorizado (Castanho: 1995). Provavelmente os resultados seriam racionalmente diferentes dos aqui encontrados, dependendo do público-alvo. Em contrapartida, no âmbito do “não-dito”, chama a atenção, nos resultados obtidos, o fato de não haver absolutamente qualquer menção aos gêneros não-hegemônicos. Esse dado ganha força expressiva quando se trata de uma experiência realizada em um contexto tão diferenciado que é a de uma universidade dita moderna e liberal, e cujos participantes são alunos em fase conclusiva do curso de psicologia. Perpetuam-se a simplificação e a reprodução de conservas culturais na compreensão das relações de gênero, como se fossem exclusivamente restritas às questões entre homens e mulheres.

A relevância deste estudo reside na possibilidade de estender experiências semelhantes a outros contextos educacionais e avaliar sua utilidade como tecnologia social. Tendo em vista seu potencial efeito educativo e terapêutico, por tratar-se de uma experiência que integra cognições, comportamentos e afetos, os sociodramas constituem-se poderosa ferramenta na promoção de mudanças atitudinais diante de temas polêmicos e estigmatizantes. Sugere-se que sejam conduzidas vivências como estas em escolas, principalmente com temas que versem sobre a valorização do convívio com a diversidade, a tolerância às diferenças, a regulação de conflitos e, sobretudo, com assuntos alardeados pela mídia e muito presentes em nosso cotidiano, como violência, *bullying*, discriminação racial e sexual, dentre outros. Alguns estudos com sociodramas sobre cotas para negros nas universidades (Nery e Conceição: 2005, 2006a, 2006b, 2007) têm apontado resultados interessantes, sugerindo que a experiência de se colocar na pele do outro é invariavelmente transformadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIDAR, J. *Um novo homem: uma abordagem psicodramática da construção da identidade masculina*. Revista Brasileira de Psicodrama, ano 15, n. 2, pp. 103-116, 2007.
- CASTANHO, G. P. *Jogos dramáticos com adolescentes*. In: J. Motta (org.), *O jogo no psicodrama* (pp. 23-44). São Paulo: Ágora, 1995, pp. 23-44.
- COSTA, R. P. *Os onze sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana*. São Paulo: Gente, 1994.
- COSTA, L. F. e CONCEIÇÃO, M. I. G. *Conhecimento, intersubjetividade e as práticas sociais*. In: M. M. Marra e JUNQUEIRA, H. (orgs.), *Grupos: Intervenção socioeducativa e método sociopsicodramático*. São Paulo: Ágora, 2008, pp. 57-68.
- DEMO, P. *Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos*. Campinas: Papyrus, 2001.
- FASSA, B. *Amor, sexo e poder*. Revista Brasileira de Psicodrama, ano 12, n. 2, pp. 19-36, 2004.
- GIFFIN, K. *A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico*. Ciência e Saúde Coletiva, v. 10, n.1, pp.47-57, 2005.

GONZÁLEZ-REY, F. G. **Pesquisa qualitativa em psicologia** – caminhos e desafios. (M. A. F. Silva, trad.). São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

_____. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GUATTARI, F. e ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1999.

MORENO, J. L. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 1975.

_____. **Fundamentos de la sociometría**. Buenos Aires: Paidós, 1972.

NERY, M. P. **Vínculo e afetividade** – Caminhos das relações humanas. São Paulo: Ágora, 2003.

NERY, M. P. e CONCEIÇÃO, M. I. G. *Sociodrama e política de cotas para negros: um método de intervenção psicológica em temas sociais*. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 25, n. 1, pp. 132-145, 2005.

_____. *Sociodrama da inclusão racial: quebrando a inércia*. **Revista Brasileira de Psicodrama**, ano 14, n. 1, pp. 105-119, 2006a.

_____. *Política racial afirmativa e afetividade na interação intergrupala*. **Interação**, v. 10, n. 2, pp. 363-374, 2006b.

_____. *Política racial afirmativa: uma leitura do fenômeno inclusivo na universidade*. **Educação Profissional: Ciência e Tecnologia**, v. 1, n. 2, pp. 179-190, 2007.

NERY, M. P.; COSTA, L. F.; CONCEIÇÃO, M. I. G. *O sociodrama como método de pesquisa*. **Paidéia**, v. 16, n. 35, pp. 305-313, 2006.

NEUERBERG, A. H. *Gênero no contexto da produção científica brasileira em psicologia*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

ROSINHA, M. U. *Psicodrama como instrumento didático na universidade*. **Revista Brasileira de Psicodrama**, ano 7, n. 2, pp. 53-62, 1999.

SCOTT, J. *Gênero: Uma categoria útil para a análise histórica*. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, pp. 5-22, 1990.

Endereços:

SQS 212 bloco B ap. 206 - Brasília/DF

Tel: (62) 3877-0648 / 9968-1886

e-mail: inesgandolfo@gmail.com

Clínica Focus

HIGS 706 Bloco C casa 3 - Brasília/DF

Tel: (62) 8127-8535

e-mail: julianaauad@yahoo.com.br